

The book cover features a background of overlapping geometric shapes in various shades of green and yellow, set against a light blue grid pattern. A central white rectangular area is framed by a double-line border (inner white, outer dark grey).

Sonetos

Eliton Meneses

Soneto I

Tens o peso do mundo em tuas costas;
Uma vida envolta de problemas;
A cabeça repleta de dilemas;
Matutavas atrás de umas respostas.

Receavas descer altas encostas;
Desejavas criar novos sistemas,
Um modelo guiado por poemas,
Que tornasse reais tuas apostas.

Não querias cessar tua risada;
Não pensavas cair numa cilada,
Pois julgavas a vida uma ciranda.

Não sabias do mundo quase nada;
Esperavas o fim da estiada,
Vendo a chuva deitado na varanda.

Eliton Meneses

Soneto II

Muito antes de sermos o que somos,
Fomos bichos ferozes, primitivos;
Enredados em fluxos instintivos,
Procuramos não ser o que já fomos.

As entranhas dos nossos cromossomos
Guardam marcas de tempos aflitivos;
A despeito dos tantos lenitivos,
Somos muito mais fera que supomos.

Possuímos furtivos atavismos,
Uns desejos sublimes enlaçados
Com arroubos latentes destrutivos.

Percorremos complexos silogismos,
Cultivamos amores elevados,
Vez em quando sem freios efetivos.

Eliton Meneses

Soneto III

O tempo é uma volta do infinito;
A vida é uma cena de um instante;
A peça é um moinho inconstante;
Tragédia de um teatro tão bonito.

Debalde é viver sempre aflito;
Melhor é se sentir um visitante;
Quicá um gafanhoto saltitante,
Que, logo, sob um pé, será proscrito.

Passado jaz apenas na lembrança;
Futuro é uma vaga esperança;
Agora é que é a vida nua e crua.

Diante do iminente abismo eterno,
O sábio viu o sol em pleno inverno,
Dançando alegre a música só sua.

Eliton Meneses

Soneto IV

To Bauman

Nossa era nascida do fracasso,
Da ruína de todas as promessas;
Com verdades viradas às avessas,
Novo mundo do tédio e do cansaço.

Pós-moderna razão sem nenhum laço;
Desdenhosa das musas já pregressas;
Como água que corre sempre às pressas;
Tantos egos sem tempo e sem espaço.

Utopia embotada pelo medo;
Tudo volta repleto de segredo;
Das ideias resulta má lembrança.

Derrotado no fim da própria história;
Não é Deus, já não tem nenhuma glória;
Solitário no mar sem esperança.

Eliton Meneses

Soneto V

Quase sempre caímos na rotina;
Desistimos da luta na metade;
Definhamos na flor da mocidade,
Quando ainda distantes da ruína.

Muitas vezes paramos na esquina;
Declinamos da nossa liberdade;
Malogramos na busca da verdade;
Todos presos nos ferros da usina.

Nossa vida se faz a todo instante;
Cada cena compõe o caminhante,
Numa soma de gênio e de instinto.

A despeito de toda nossa pressa,
A estrada intrincada desta peça
Não é reta, mas sim um labirinto.

Eliton Meneses

Soneto VI

Muitas marcas percorrem o seu rosto;
Uma cruz carregada a vida inteira,
Pela estrada encoberta de poeira,
Ruminava soturno o seu desgosto.

Assumira na vida ser oposto;
Desterrado da farsa lisonjeira;
Não parava diante de barreira,
Sob o lume apagado do sol-posto.

Nunca fora à procura de encosto;
No ocaso brandia uma bandeira,
Mesmo tendo acordado indisposto.

Nada havia escrito na soleira;
Procurava acudir, com muito gosto,
Quem estava ao seu lado na trincheira.

Eliton Meneses

Soneto VII

Descerás à cova de Montesinos;
Verás o cerne da maldade humana;
O badalo sombrio de uma campana;
Ficarás frente a frente de assassinos.

Ouvirás o cantar de peregrinos,
O profeta que guia a caravana,
O destino nas cartas da cigana,
O ocaso de errantes paladinos.

Sentirás um bafejo congelante,
O sussurro de um verso florentino,
Com esmero talhado em pedra bruta.

Saberás nesta noite alucinante,
Através de um sábio clandestino,
A verdade que está fora da gruta.

Eliton Meneses

Soneto VIII

Preciso compreender a desventura
Da vida entre o céu e o inferno;
Defronto este mundo pós-moderno,
Tão fértil de cinismo e de loucura.

Procuro nos meandros da leitura
A réstia que ficou de amor fraterno;
Transito entre o instante e o eterno,
Tentando desvendar a tela escura.

Preciso resolver os paradoxos,
Embora com a vista encandeada,
Da luta entre Deus e a criatura.

Cansada de purismos ortodoxos,
A gente ainda segue deslumbrada
A arte que desponta na lonjura.

Eliton Meneses

Soneto IX

O sol não declinou no fim da tarde;
Aos poucos foi sentindo a diferença;
O corpo, sem sintoma da doença,
Tornou de novo à vida sem alarde.

A alma, comovida, já não arde;
Defeitos nós trazemos de nascença;
Apenas Deus nos pode dar sentença;
Fazer de um valente, outro covarde.

Ninguém pode saber o que lhe aguarda,
Depois de atravessar o triste ocaso,
Talvez rasteje um monstro que apavora;

Ninguém possui ao certo a salvaguarda;
O mundo está coberto de acaso;
A morte é ilusão que mais devora.

Eliton Meneses

Soneto X

Bhagavad Gîta

Todos formam no campo de batalha
Os dois lados diversos dessa guerra;
As estrelas do céu miraram a terra,
Quando Arjuna expressou a sua falha.

Krishna disse: "Ao dever não se atalha.
Um guerreiro à matéria não se aferra;
Quem enfrenta o combate nunca erra,
Mesmo quando o inimigo muito valha."

Tens no corpo uma alma imperecível;
Teu apego é um monstro irremissível;
Nunca esperes os frutos da ação.

Os valores eternos são Pandavas;
Inimigos internos são Kauravas;
Sem coragem não tens libertação.

Eliton Meneses

Soneto XI

Há quem busque o sentido desta vida;
Uma causa que explique a existência;
A razão para além da contingência;
Um senhor que ordene esta partida.

Um profeta falou de uma saída,
Da verdade por trás da aparência,
Da resposta pedante da ciência
À pergunta por vezes esquecida.

Um protesta, na crise, não ser nada;
Outro fala, com náusea, no absurdo,
Como amargo profano sem noção.

Somos nós que fazemos a estrada;
Uma curva por fora do chafurdo;
Somos todos um ser em construção.

Eliton Meneses

Soneto XII

Zu Nietzsche

Um bigode munido de um martelo,
Candidato loquaz a Anticristo,
Pretendeu derrubar tudo já visto,
Convidando a história a um duelo.

Desdenhava de tudo que é singelo:
Altruísmo, moral, razão e Cristo.
Pensador sob a aura de Mefisto,
Pregador do instinto como belo.

"Super-homem", vaidoso, prepotente,
Desferiu na cultura a verve insana,
Aturdido por ódios viscerais.

Não passou muito embora de um doente,
Ressentido da força mais humana:
O amor que nos faz mais que animais.

Eliton Meneses

Soneto XIII

Somos seres que vagam num deserto,
À procura de ver qualquer miragem:
Um oásis que seja longe ou perto;
Uma tenda que sirva de paragem.

Quando é noite se dorme a céu aberto;
Temos sonhos despídos de coragem;
Quase todos pensando descoberto
O segredo que rege esta viagem.

Sob os raios do sol renasce a chama;
Há um mito distante que inda clama;
Um amor que nos faz sentir eternos.

Quando estamos à beira do delírio,
É preciso lembrar que há um Lírio,
A livrar-nos dos males dos infernos.

Eliton Meneses

Soneto XIV

A vida nos prepara cada espanto,
A cada curva surge mais segredo;
Do nada, eis que troca de enredo,
Fazendo-nos perder o velho encanto.

Sonhamos tanta coisa e, no entanto,
A noite chega escura e traz o medo;
Suprime do poeta em seu degredo:
A vela, a lua, o mar, um certo canto.

Depois de ter a mente povoada
Do lúdico presságio de um verso,
Caímos no sol quente do deserto.

Sentados numa barca abandonada,
Sentimos quanto é duro o universo,
Seguindo à deriva em mar aberto.

Eliton Meneses

Soneto XV

Aferrados ao caos de certa insônia,
Esquecemos dos sonhos genuínos;
Não passamos sequer de peregrinos,
Sem amor, sem saber, sem parcimônia.

Traspassamos umbrais sem cerimônia,
Copiamos tacanhos figurinos;
Perfilados cantamos falsos hinos,
Presunçosos perdidos na colônia.

Eis um tempo incomum de resistência;
Mesmo em face do óbvio duvidamos,
Testemunhos passivos da maldade.

Apesar de afogados na ausência,
Desde os gregos antigos procuramos:
A beleza, a justiça e a verdade.

Eliton Meneses

Soneto XVI

Quantas vezes deixamos fenecer
As flores que achamos no caminho;
Pensamos desvendar o pergaminho,
Depois de indecorosos nos perder.

Sonhamos com o sol do amanhecer,
Ainda quando o sono foi mesquinho;
Um se vai e o outro, tão sozinho,
Repara todo o quadro emudecer.

Pressentimos o fim do labirinto,
Quando os raios furtivos da aurora
Aquecem a inesperada solidão.

Às vezes nos guiamos por instinto,
Incautos nos lançamos mundo afora,
Ferindo sem querer um coração...

Eliton Meneses

Soneto XVII

Não queira atrofiar a sua mente,
Sem arte, sem vida e sem leitura.
O mundo está repleto de cultura,
Um éden pra sonhar eternamente.

Não custa ser um ser inteligente,
Levante desse mar de amargura,
Aos poucos chegará a certa altura
Ciente do que existe à sua frente.

Procure sempre ver uma pintura,
Sentir o que reflete a alma humana,
Ler trechos da melhor literatura.

Então, verá nas portas do nirvana
O som que toca dentro da escultura,
Sabendo até na peça quem lhe engana.

Eliton Meneses

Soneto XVIII

O lírio do campo não nos redime;
Não damos a mão a quem nos implora;
Pensamos com fé num verbo sublime,
Distantes, sem ver aquele que chora.

Chegamos bem cedo às raias do crime;
Abrimos a porta a quem nos devora;
Tamanha é a força que nos oprime
Que somos do ontem, não do agora.

Às vezes, me pego meio absorto;
Tratamos o outro com tal soberba;
Seguimos a vida com tanta amarra.

Corremos atrás dum certo conforto;
Sofremos a pena, já bem acerba,
Sem tempo de ouvir a voz da cigarra.

Eliton Meneses

Soneto XIX

Abro a janela e vejo tudo estreito:
A noite escura, o beco longo e feio;
A porta aberta, o bar, um devaneio;
Um homem santo eivado de defeito.

Um ébrio canta amores já sem jeito;
A lua nova, um gato, um copo cheio;
O vento sopra o sonho e o som alheio;
Sozinho ainda com espanto espreito.

Quiçá se trate apenas de arremedo;
Delírio, assombro, mais um pesadelo;
A vida é mais bonita à luz do dia.

O sol renasce logo após o medo;
O corpo quente vem depois do gelo;
Saí, enfim, ileso da aporia.

Eliton Meneses

Soneto XX

Eu também percorri o meu deserto;
Mergulhei no vazio da existência;
Já provei da amarga experiência,
Quando nem minha sombra dei por perto.

Sem coragem, sentei a céu aberto;
Entre pedras, exausto, sem decência;
Com sinais da mais rude incoerência,
Sob um sol sem calor me vi desperto.

Lobriguei entre a névoa alguém que chora,
Um espectro perdido que me implora,
Acosado de peso sobre os ombros.

Uma luz me surgiu na noite escura;
De inopino saí dessa tortura,
Ressurgi quase ileso dos escombros.

Eliton Meneses

Soneto XXI

Sem coragem sequer de ir na esquina,
Padecia prostrado no seu quarto;
Era jovem mas já estava farto,
Derrotado no ocaso da rotina.

Um castelo deitado em ruína;
Coração quase à beira do infarto;
Tudo quanto fazia era um parto;
Tinha o caos bem diante da retina.

Quão modestas são sempre suas queixas,
Arremedos de mágoa e desrespeito,
Desdenhava dos laços afetivos.

Preocupado no espelho com madeixas;
Olvidava da vida, a despeito
Da receita de anti-depressivos.

Eliton Meneses

Soneto XXII

A massa não cresce sem ter fermento;
Os olhos não brilham sem ter a luz;
A obra precisa de mais cimento;
Mais coisas ocorrem a quem faz jus.

Há muitos segredos no firmamento;
Há ouro escondido que nem reluz;
Não basta a ciência, sem sentimento;
Os homens transcendem aos pés da cruz.

Quisera que tudo fechasse a conta;
Quiçá vislumbramos somente a ponta
Do enorme mistério além do nariz.

Tão logo começa, vem a partida;
Bastante complexa a coisa da vida;
Queremos ter asa e somos raiz.

Eliton Meneses

Soneto XXIII

Passageiros do trem da zero hora;
Estação de um tempo que passou;
Quem não foi dessa vez ainda chora;
A saudade foi tudo que restou.

Todo mundo um dia vai embora;
É quimera pensar que se livrou;
Mesmo aquele fiel que muito implora,
Assustado, num sopro se apagou.

Tanta gente arrota tanta empáfia,
Atropela o que acha pela frente,
Nos instantes efêmeros da vida.

Arrogante altivez de uma máfia,
Arvorando-se mor que toda gente,
Até quando lhe assalta a despedida.

Eliton Meneses

Soneto XXIV

Há quem queira na vida tudo quanto;
Há quem queira somente ter um laço;
Uns que fazem fortuna como santo;
Outros anjos atrás de um regaço.

Há pessoas vazias tendo tanto;
Outras ricas deitadas no bagaço;
Uns envoltos na crise do quebranto;
Outros tantos carentes de abraço.

Há pessoas que Deus nem sempre acode,
Cujas lutas o mundo menospreza,
Para quem esta vida é sempre esquiva.

Há pessoas pra quem o bem eclode,
Mesmo quando largadas e sem reza,
Passageiras de um barco à deriva.

Eliton Meneses

Soneto XXV

Deixaste os devaneios para trás;
Não foste tudo aquilo que sonhavas;
Sabias muito menos que pensavas;
Nem mesmo esperavas algo mais.

O mundo se mostrou bem mais voraz;
Não deste um passo além de onde estavas;
Aquela fortaleza que ostentavas
Desfez-se num só sopro, tão fugaz.

O tempo derradeiro ainda escoar;
O corpo, que definha combalido,
Padece um desalento duradouro.

Um último vagido ainda ecoar;
A mente já no mar do desvalido
Navega sem nenhum ancoradouro.

Eliton Meneses

Soneto XXVI

Sou feito de sonhos e de desejos,
Saberes e crenças, suposições;
A obra que faço vem de lampejos,
Coragens e medos, contradições.

Os falsos profetas, os vi sobejos;
Soberbos no mar de superstições;
Astutos, loquazes, alguns bocejos;
Inútil agarrar-se em definições.

A luz do real lhes parece hostil,
Preferem habitar funesto covil,
Escravos do mundo das ilusões.

Espanta a origem de tais valores,
Talvez ressentidos por suas dores,
Cultuam a glória dos seus grilhões.

Eliton Meneses

Soneto XXVII

Os mortos já se vão acumulando:
Camélia, Hortênsia, Rosa e Margarida...
O Cravo também fez sua partida;
O Lírio se foi triste, definhando.

Um mundo que se vai desintegrando;
Há pouco era um jardim todo florido;
Gardênia conheceu seu par garrido;
Crisântemo sem ela foi murchando...

Tulipa, Orquídea, Íris, Violeta
Bateram asas como borboleta,
Deixando apenas Nardo sob o sol.

As flores novas são outro jardim;
Não cheiram mais igual ao meu Jasmim,
Nem têm as cores do meu Girassol.

Eliton Meneses

Soneto XXVIII

Estou farto de ouvir as cantilenas;
Tanta coisa abstrata em meu regaço;
Pouco importa o que penso, se o que faço
Tem a marca opressora das cadenas.

Quem deseja singrar águas serenas
Deve andar sob a regra de um só laço;
Não voar espirais do tempo-espaço,
Se não tem a coragem das falenas.

Os castelos são obras de arquitetos,
Homens livres que vivem seus projetos,
Não meninos que brincam na areia.

Os amores têm coisas de adulto,
Cuja falta corrói o ser estulto,
Mesmo longe do canto da sereia.

Eliton Meneses

Soneto XXIX

A conduta que vem do inconsciente
Tem nuances sutis muito intrincadas;
Faz brotar tantas mágoas recalçadas;
Iceberg no mar de cada mente.

Um processo complexo e coerente,
De imagens mormente desejadas;
De ambições e invejas simuladas;
O primata no homem mais latente.

Quero dele a beleza e o talento,
A altura, elegância e inteligência;
O emprego, o endereço e a mulher.

Se fiz tudo, passei por sofrimento;
Sou igual, quero dele a existência;
Se ele tem, para mim se faz mister.

Eliton Meneses

Soneto XXX

Forasteiro sombrio na própria aldeia;
Desterrado tardio do próprio sonho;
Argonauta arredo no mar medonho;
Guerrilheiro senil na era alheia;

Garimpeiro de conchas na areia;
Trovador de um canto enfadonho;
Cavaleiro infantil de ar bisonho;
Cangaceiro viril de légua e meia.

Cada tempo carrega as suas dores;
Tem a própria expressão dos seus amores,
Seus dilemas, desejos e amarguras.

Todos querem fazer o seu destino,
Mesmo quando há risco e desatino
E vestígios de antigas desventuras.

Eliton Meneses

Soneto XXXI

Procurava faz tempo algum tesouro,
Escondido na areia do deserto,
Até quando pensou ter descoberto
O segredo que faz do ferro ouro.

Conseguiu se livrar do mau agouro,
Das amarras do além se viu liberto;
Finalmente da noite foi desperto,
Era homem formado e não calouro.

Animou-se com tanto engenho humano;
Agarrou-se com fé na inteligência,
Converteu-se em profeta da razão.

Mas um dia cansou de ser profano;
Quão estreitos os lindes da ciência,
Melhor mesmo o conforto da ilusão...

Eliton Meneses

Soneto XXXII

Atado nos refolhos dos seus medos;
Vencido pela ingente ansiedade;
Perdeu no labirinto a liberdade,
Depois de aflorarem seus segredos.

Cansado de viver de arremedos,
Um duplo procurando identidade;
Ao longe, vislumbra a sanidade,
Atrás o sonho escorre pelos dedos.

Nutria amor sublime sem coragem,
Até que a vida fez a diferença,
Lembrando dos afetos que esquecemos.

Quem sente à noite junto a mesma aragem
É uno na saúde e na doença,
Pois somos as escolhas que fazemos.

Eliton Meneses

Soneto XXXIII

Desde Ícaro o homem quer ter asa,
Voar livre, chegar perto do sol,
Sem gaiolas, igual ao rouxinol,
Ter o céu infinito como casa.

Um desejo recluso que extravasa;
Poder livre seguir o seu farol;
Cultivar no jardim um girassol;
Espreado-se além da vida rasa.

Liberdade de ter todo momento;
Liberdade conforme o sentimento;
Liberdade de ir onde quiser.

Liberdade sem nada que oprima;
Liberdade de ter a própria rima;
Liberdade de ser o que se é...

Eliton Meneses

Soneto XXXIV

As rugas no seu rosto decadente
Contavam a dureza do caminho;
O olhar profundo e inconfidente
Dissimulava a alma em desalinho.

A boca num declive imprevidente
Debulhava segredos de adivinho;
Sua mão, calejada e contundente,
Tinha marca de muito torvelinho.

Seu andar era tosco e reticente;
A cabeça, um vasto pergaminho,
Perdido num mundo indiferente.

Era feito de flores e espinho;
Desde cedo, afoito dissidente;
A coragem diante do moinho.

Eliton Meneses

Soneto XXXV

Uma nuvem percorre impetuosa
Um céu gris de serena ventania;
Cessa o canto da ave tenebrosa,
Chega a chuva trazendo a alegria.

Foi-se um lustro de seca desditosa;
Quase morre a esperança certo dia;
Corre o rio uma estrada sinuosa,
Entre o verde do campo a sinfonia.

Precisava juntar os seus destroços;
Não pudera pagar tamanha glosa,
Sem a messe que agora enfim teria.

Com a água salobra de dois poços,
Conseguiu contar a sua prosa,
Ao final da terrível travessia.

Eliton Meneses

Soneto XXXVI

Como o asno que chega belo e forte,
Tu vomitas convicto a verdade;
Te reputas no espelho uma deidade,
Apesar de não teres nem um norte.

O que pensas não passa de recorte;
Tens a mente encoberta de vaidade;
Outro dia falaste em liberdade
Como algo que vem depois da morte.

O passado já foi – hoje é quimera;
Tu devias sorrir enquanto podes;
Amanhã não se sabe o que te espera.

Muito embora praguejes tristes odes,
Com as flores se achega a primavera,
Mesmo quando tu mesmo não te acodes.

Eliton Meneses

Soneto XXXVII

Era uma vez um pássaro perdido,
voando a esmo no universo infindo;
sem nem saber aonde estava indo;
em cada asa um coração partido.

Também não sabe donde vem fugido;
se nalgum canto ele será bem-vindo;
quando mais tarde o voo der por findo,
fará repouso em qualquer chão batido.

Foi-se meter à beira do abismo,
trazer do fundo o seu paroxismo,
por uma estrada pouco iluminada.

Acreditara no fugaz instante,
se fez espelho de um ébrio errante,
ao dar valor ao que não fora nada.

Eliton Meneses

Sneto XXXVIII

Ficou o mesmo no correr dos anos;
o mesmo tolo desde que nascido.
Passou a vida inteira embevecido,
atado à corda dos seus desenganos.

Seguia o tosco arranjo dos arcanos.
Quisera um dia não haver perdido
aquela luta em que foi, aturdido,
levado à lona por servis tiranos.

Saiu de casa sem nenhum destino,
atravessando a madrugada fria,
com a insônia a percorrer a rua.

Em cada esquina mais um desatino;
uma comédia melhor contaria
a sua história toda nua e crua.

Eliton Meneses

Soneto XXXIX

Como as águas do rio as coisas correm,
Arrastadas no vão da correnteza;
Por qualquer afluente, sem beleza,
Muitas barcas perdidas até morrem.

Velam noites compridas que decorrem,
Sob o canto disforme da tristeza;
Singram vales desertos na certeza
De que todos se agarram, mas escorrem.

Poucas coisas no mundo têm raízes;
Todos vão à procura de descanso,
Quando finda a jornada sem grandeza.

O que fica do bando de infelizes,
À deriva na curva de um remanso,
É o espólio da terna natureza.

Eliton Meneses

Soneto XL

O eterno se achegou com ironia,
Me deu o amargo féu e a doce cana;
Levou-me inerte à porta do nirvana,
Depois partiu qual mera fantasia.

Senti a mais perfeita sintonia;
O vento que arrebatava uma cabana;
Tentei seguir contrário à caravana,
Fiquei sem luz no sol do meio-dia.

Eu vi no alto céu o abismo infundo;
No mar revolto, a barca destroçada
Do velho pescador de alma humana.

O símbolo sagrado foi bem-vindo,
Pois quase aquela força disfarçada
Tornou-se do meu peito uma tirana.

Eliton Meneses

Soneto XLI

São tantos os dilemas deste mundo;
Tão fáceis as estradas tortuosas;
Perdemo-nos das retas luminosas
No rápido passar de um segundo.

Seguimos cada canto vagabundo!
Sereias muito pouco virtuosas;
Deixamos fenecer as nossas rosas,
Atrás de um fantasma moribundo.

À míngua de firmeza em nossa vida,
Corremos para os braços do perigo,
Reféns das nossas próprias tentações.

Devemos recordar em cada lida:
Ainda que tivermos sem abrigo,
De nunca descobrir os corações.

Eliton Meneses

Soneto XLII

Gostava do simples e do complexo;
Às vezes saía pela tangente;
Deveras, sentia-se diferente,
Andando no côncavo e no convexo.

Vagava no mundo sempre perplexo;
Buscava na vida ser consequente;
Alguns lhe chamavam de inocente
Ao vê-lo parado sem um reflexo.

Queimou na fogueira por ironia,
Porque não entrara na sua mente,
O livro sagrado sem qualquer nexos.

Sedento de caos e cosmogonia,
Diante do abismo tão inclemente,
Pegou-se a rezar, mas não genuflexo.

Eliton Meneses

Soneto XLIII

Pensou em seguir pelo mundo afora;
O sonho que teve era só quimera;
Havia incerteza e tamanha espera;
Seguir não podia os erros doutrora.

Ouviu com o galo os raios da aurora;
Sentiu de repente outra atmosfera,
Talvez o começo de nova era;
Chegou como anjo e se foi embora.

Ficou no caminho com suas flores,
Contendo infeliz o amargo pranto;
Melhor não ferir o sagrado império.

A vida se faz de muitos amores;
O quadro de casa tem seu encanto;
As cores do novo têm seu mistério.

Eliton Meneses

Soneto XLIV

Me pus a desbravar terras remotas;
Caminhos de verdades tão secretas;
Segui por entre as rimas dos poetas,
Depois de ler compêndios políglotas.

Achei muitas respostas ignotas,
Sentado na cabana dos profetas;
Sonhei um céu de nuvens abjetas,
Tentando desviar de outras rotas.

Sequer imaginei correr perigo;
Cedi inerte à força do chamado,
Sedento por detrás de muitas portas.

Peguei-me a reviver o filme antigo:
A luz que irradiava o ser amado
Fazia sublimar as linhas tortas.

Eliton Meneses

Soneto XLV

Senti enfim o cheiro de outras flores;
Saí da fria sombra da caverna;
Eu vi depois da solidão interna
De manhã cedo o brilho de outras cores.

Atravessei diversos dissabores;
Aquela angústia não seria eterna;
Alumiu no escuro uma lanterna;
Achei a cura para as minhas dores.

Ouvi contente a ave que passava,
Tomei a água fresca que brotava;
Pensei na vida com os seus amores.

Deitei na relva olhando o infinito,
O mundo assim se fez bem mais bonito,
Seguindo em frente com os meus valores.

Eliton Meneses

Soneto XLVI

O tempo corre sempre para frente;
Não vás chorar o leite derramado;
A vida faz da gente acostumado;
Nem tudo que é real é aparente.

O mundo é mesmo um palco incoerente;
Melhor é não viver desanimado;
O plano volta e meia é transformado
E a cena que virá é diferente.

Sentiras todo o corpo alquebrado;
Perderas por encanto o ser amado;
Ficaste navegando sem um porto.

O sonho que nasceu como tragédia
Agora mais parece uma comédia;
Amanheceu e não estavas morto.

Eliton Meneses

Soneto XLVII

Uma marca ficou do ferro em brasa;
Indelével sinal pra toda a vida;
A lembrança na pele da ferida,
Mesmo anos depois, sozinho em casa.

Foi-se o tempo em que soube bater asa;
Escalara a montanha mais temida,
Sem saber que o tempo da partida,
Quando some a coragem, não atrasa.

Muitas vezes o belo não tem lastro;
O encanto se apaga sem um rastro,
Tão efêmero como um vaga-lume.

Um instante passado cuja essência
Incutiu-se no cerne da existência
Faz a vida exalar outro perfume.

Eliton Meneses

Soneto XLVIII

Ninguém ao certo sabe quem eu sou;
Quais dores sinto, quem deveras amo;
De onde eu vim, pra onde ainda vou;
Se eu existo, a quem eu tanto chamo.

Nem eu tampouco sei quem me sonhou;
Quantas vitórias tem quem eu difamo;
Por onde encontro o tempo que passou;
Não quero nada e ainda assim reclamo.

Há tantos corpos frios, sem afago;
A noite é longa e a fera nunca dorme;
Quisera ter o mundo sobre os ombros.

A luz costuma vir depois do estrago;
O vento varre o mal, sempre disforme;
O novo surge aos poucos dos escombros.

Eliton Meneses

Soneto XLIX

Quando o sol despertar no horizonte,
Quero estar já bem longe no caminho;
Para além da tristeza, estar sozinho,
Para enfim saciar-me em outra fonte.

Foi quimera escalar o belo monte,
Cujo cume alcancei em desalinho;
Enervado na festa, findo o vinho;
Passageiro da barca de Caronte.

Desdenhei os sinais defronte a cara;
Os arroubos durante a madrugada,
Os esquivos desvios de uma vida.

Um poeta uma vez me avisara:
Amanhã será ponto de chegada,
O que ontem foi ponto de partida.

Eliton Meneses

Soneto L

Nós mudamos aos poucos com os anos;
Muda o sol quando chega a primavera;
Chega o tempo que finda a longa espera;
Vão-se as marcas de tristes desenganos.

De repente começam novos planos;
A semente que morre e prolifera
Traz nas flores febris da nova era
Os espinhos sutis de outros danos.

Somos água corrente de um rio;
Uma chama fugaz em noite escura;
A mudança que vem em meio à dor.

Somos folha que voa no vazio;
O sorriso depois da amargura
À procura da foz do puro amor.

Eliton Meneses